

Memórias interculturais entrelaçadas em *O Alegre Canto da Perdiz* de Paulina Chiziane e *Caderno de Memórias Coloniais* de Isabela Figueiredo¹

Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly* 

Introdução²

Este artigo propõe desenvolver uma reflexão crítica a respeito da construção do discurso literário das memórias interculturais entrelaçadas no contexto colonial e pós-colonial de Moçambique em *O Alegre Canto da Perdiz*, de Paulina Chiziane (2008), publicado um ano antes de *Caderno de Memórias Coloniais*, de Isabela Figueiredo (2009). Ambas tratam, de maneiras distintas, da experiência histórica da colonização portuguesa de Moçambique e suas consequências no contexto português e moçambicano.

Para isso, partimos de Paul Ricouer (2006; 2007; 2008) nos estudos de memória, esquecimento e reconhecimento; de Silviano Santiago (1978) com o conceito de *entrelugar*; de Caruth (1996), acerca dos estudos do trauma; e de Margarida Ribeiro (2004), Eduardo Lourenço (2014), Inocência Mata (2007) Rita Chaves (2020), entre outros estudiosos, sobre a crítica literária do impensado colonialismo português no contexto africano. O intuito deste artigo, portanto, é refletir sobre a relação entre essas memórias interculturais e entrelaçadas e as traumáticas decorrentes das relações coloniais.

A memória intercultural se desenvolve no contato entre universos culturais múltiplos, o multiverso, conceito utilizado em uma apropriação metafórica e epistemológica interdisciplinar, inspirado nas teorias sobre o universo e o multiverso de Bernard Carr (2007). É manifestada nos interdiscursos, por meio de linguagens heterogêneas, que misturam códigos verbais e não verbais, e que exploram as cinco experiências sensoriais. Além disso, ela passa por três fases: universos em tensão, com o conflito, o choque e o estranhamento; universos paralelos separados, permeados com a convivência tolerante; e os entrelugares dos universos misturados, por diálogos, aprendizagens mútuas, cooperações, hibridações (ELGEBALY, 2025).

* Pós-doutorado no Instituto de Literatura Comparada Margarida Losa (ILCML) da Universidade do Porto (U.Porto), Porto, Portugal. Doutorado em Estudos Comparados de Literaturas de Língua Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP), São Paulo, São Paulo, Brasil. Professor da Universidade de Aswan, Aswan, Egito. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4572-4526>. E-mail: elgebalymaged@gmail.com

¹ Este artigo desenvolveu-se a partir de nossa comunicação apresentada em modo resumido no IX Congresso Internacional de Professores de Literaturas de Língua Portuguesa, da Associação Internacional de Estudos Literários e Culturais Africanos (Afrolic), realizado na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), São Luís, Maranhão, Brasil, no dia 5 de junho de 2025 e no XXX Congresso Internacional de Professores de Literatura Portuguesa, da Associação Brasileira de Professores de Literatura Portuguesa (ABRAPLIP), realizado na Universidade Estadual de Londrina (UEL), Londrina, Paraná, Brasil, no dia 5 de setembro de 2025.

² Este artigo utilizou ferramentas de inteligência artificial apenas como apoio técnico à revisão linguística e à organização textual preliminar.

No capítulo “Territórios sobrepostos, histórias entrelaçadas” da obra *Cultura e Imperialismo* (SAID, 2011), Edward Said explica as narrativas entrelaçadas do colonizador e do colonizado, caracterizando-as como cruzadas e interdependentes, e não coexistentes em guetos. No contexto colonial/pós-colonial, desse modo, as memórias interculturais são entrelaçadas nos sujeitos e nos textos literários, que se fermentam nos entrelugares de misturas e hibridações (SANTIAGO, 1978).

Diante disso, as memórias de Portugal e Moçambique não devem ser compreendidas como realidades soltas. As memórias moçambicanas da Guerra Colonial (1961-1974), da Guerra da Independência de Moçambique (1964-1975) e da Guerra Civil Moçambicana (1976-1992) estão entrelaçadas com as da Revolução dos Cravos, de 25 de abril de 1974, e com aquelas do regresso dos Retornados Portugueses (1974-1976).

Em 2014, o *Caderno de Memórias Coloniais* foi prefaciado pelo filósofo luso-moçambicano José Gil. Também, em 2017, recebeu um prólogo escrito por Paulina Chiziane, que questiona: “Será que para construir uma civilização é preciso matar, violentar e torturar?... Que seja a África a vanguarda da revolução, para a construção de uma civilização de amor” (CHIZIANE, 2017, p. 19). Com isso, Chiziane abre um espaço comparatista de trocas culturais porque ela reconhece as redes linguísticas e afetivas que conectam Moçambique e Portugal e as amplia por meio do diálogo solidário entre mulheres.

Benjamin Abdala Jr. (2015) argumenta que esses diálogos se articulam em redes comunitárias transnacionais baseadas em experiências históricas comuns que desenvolvem fronteiras múltiplas e identidades plurais, cujo estudo demanda comparativismos de solidariedade inscritos nos repertórios literários que circulam entre os países de língua portuguesa, sem reduzir uma cultura à simples imitação de outra. Dentro desse contexto, o prefácio de Chiziane é um exemplo desse comparativismo proposto pelo autor e, ao colocar-se “cada uma no seu lado” da experiência colonial e, simultaneamente, convidar para o diálogo, ela legitima as contranarrativas divergentes das oficiais.

Tendo isso em vista, Chiziane e Figueiredo escrevem a partir de uma matriz decolonial compartilhada que as coloca em uma posição de cumplicidade: “A tua obra, *Caderno de memórias coloniais*, faz a análise da história a partir de um lugar proibido às mulheres castas: o sexo” (FIGUEIREDO, 2009, p. 15), que ela chama de “vocabulário transgressor” das mulheres negras. Chiziane afirma, ainda, que Figueiredo dá voz a narrativas femininas censuradas no relato colonial oficial para brancas e negras. “Estávamos eu e tu, cada uma no seu lado da barricada, quando o colonialismo aconteceu. Tu, branca, filha de um colono racista e eu, negra, filha de um colonizado” (FIGUEIREDO, 2009, p. 15). Chiziane reconhece que ambas foram marcadas pela violência colonial mesmo que em posições distintas e, neste gesto, estabelece uma conexão solidária (RICOEUR, 2006) e não condena Figueiredo, mas se propõe a partilhar com esta uma experiência comum de alienação e opressão.

Memórias femininas pós-coloniais em *O Alegre Canto da Perdiz*

Paulina Chiziane, nascida em Maputo em 1955, foi a primeira mulher moçambicana a publicar um romance. Suas obras tratam das relações de gênero, etnicidade e poder em Moçambique. Em 2021, passa a ser a primeira africana a receber o Prémio Camões. O livro *O Alegre Canto da Perdiz* (2008) foi

publicado quando Moçambique estava se reerguendo como uma nação em busca de soberania e reconciliação, depois de ter enfrentado a luta pela independência do colonialismo em 1975 e uma guerra civil devastadora de 1977 a 1992. Seu título *O Alegre Canto da Perdiz* simboliza a busca das personagens por autoafirmação em meio a adversidades. A perdiz, um pássaro pequeno, vulnerável, que vive exposto a predadores, no entanto, canta, simboliza a resiliência e a luta pela sobrevivência das mulheres, que, apesar de serem fragilizadas pelas sequelas do colonialismo e da guerra civil, mantêm suas aspirações. Também o título sugere o modo africano de partilhar as dores e curar as memórias traumáticas com humor e ironia (CHIZIANE, 2013).

Na obra, a autora costuma, também, entrelaçar a história e a geografia quando associa os elementos temporais aos espaciais. A geografia de Moçambique, com suas paisagens diversas e ricas, contextualiza a história e reflete a conexão das personagens com a terra em ambientes rurais, cidades e comunidades, dando um sentido de lugar e identidade. A paisagem rural simboliza a resistência cultural e a urbana, a ausência da liberdade. As tradições e mitologias e as lutas passadas repercutem no presente da narrativa e nas localidades geossimbólicas (BONNEMAISON, 2000), onde as vozes femininas recartografam o mapa de Moçambique.

Chiziane menciona o mar, o rio, a montanha e a região da Zambézia, sendo os primeiros símbolos da cosmovisão das personagens. “O mar é um altar por excelência” (CHIZIANE, 2024), e isso é evidenciado na obra na relação das personagens com os mares. Já o rio Licungo é uma metáfora para a vida e uma das beiras é proibida para as mulheres, que a autora adverte no texto, porém a personagem ignora. “Há uma mulher nua nas margens do rio Licungo. Do lado dos homens” (CHIZIANE, 2008, p. 5). O flúmen também aparece como o espaço de limpeza das dores, em que as águas auxiliam na cura. Sobre o monte Namuli, a personagem afirma que “são poesia” (CHIZIANE, 2008, p. 28) e que dão origem a tudo: “No princípio de tudo. Homens e mulheres viviam em mundos separados pelos Montes Namuli” (CHIZIANE, 2008, p. 12-13). E conta que na Zambézia “ainda há gente que não conhece algodão nem seda” (CHIZIANE, 2008, p. 21). Nessa passagem, Chiziane faz referência à colonização que, a princípio, julgava as poucas roupas dos povos originários e depois, com o passar do tempo, adotaram as indumentárias leves tropicais.

O processo da colonização moderna em Moçambique tem início com a chegada dos portugueses ao território moçambicano no final do século XV, mas só se intensifica no século seguinte. A colônia era um posto comercial de marfim, escravos e ouro, que perdurou até o século XIX, quando a economia da metrópole foi abalada pelas mudanças na Europa (VEIGA, 1935). A luta pela independência, portanto, começou em 1964 quando grupos armados, como a Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), iniciaram a guerra pela libertação, que durou até 1974, quando houve um cessar-fogo para os acordos de independência em 1975. Em seguida, em 1977, a guerra civil pós-colonial começou e só terminou em 1992, tendo sido vivenciada pela disputa entre o governo da FRELIMO e da Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO), outra frente de libertação. Como consequência da guerra, morreram milhões de moçambicanos.

Sendo assim, a narrativa desenvolve-se em meio às memórias da guerra de independência e da guerra civil. Chiziane, então, mistura elementos históricos com as experiências das personagens. Ela traz para sua escrita a oralidade popular e os mitos tradicionais. Acerca disso, Silva (2017) explica que

esses mitos desempenham um papel crucial na obra porque refletem as crenças e os valores culturais de Moçambique e enriquecem a narrativa, conectando as personagens com suas identidades culturais.

O romance é composto por 35 capítulos em uma rede circular que percorre o ciclo da vida, da terra e da memória. A estrutura se organiza a partir do mito, da sociedade, da loucura, da guerra e da reconciliação, que conta uma história de Moçambique pelo olhar das mulheres. Nos três primeiros capítulos, de forma atemporal e por meio de uma voz coletiva, a autora trata da origem de Maria. Nos seguintes, do 4 ao 9, aborda a colonização e a mestiçagem entre os séculos XIX e XX com múltiplas vozes. Do 10 ao 17, apresenta-se um caráter psicológico-feminino e tratam da loucura e da maternidade no século XX, sendo narrados por Maria e Delfina. Dos capítulos 18 ao 24, o narrador é histórico e se refere às guerras e à opressão entre os anos de 1960 e 1980. Do 25 ao 30, é uma voz coral que lida com as linhagens femininas intergeracionais do pós-independência. E, por fim, do 31 ao 35, com um eixo cíclico e mítico, de forma atemporal e por meio de uma narrativa simbólica da água e da terra, há um retorno à origem.

Chiziane utiliza o diálogo como uma estratégia literária que cria uma conexão íntima com os personagens. Incorpora também elementos da oralidade e, com isso, ressalta a tradição narrativa africana, principalmente, a bantu que são performáticos, enfatizando pausas, entonações e gestos na fala para criar uma atmosfera simbólica (LEITE, 2020; MATA, 2007).

Como a autora escreve a partir de personagens que sofrem marginalização e exclusão racial e de gênero, ela ressalta um entrelugar simbólico, como a Zambézia, para recriar as memórias moçambicanas femininas alternativas no período pós-colonial:

Os filhos negros representam o mundo antigo. O conhecido. São o meu passado e o meu presente. Sou eu. E eu já não quero ser eu. Os filhos mulatos são o fascínio pelo novo. Instrumentos para abrir as portas do mundo. A Zambézia ainda é virgem, não tem raça. Por isso é preciso criar seres humanos à altura das necessidades do momento (CHIZIANE, 2008, p. 230).

Paulina Chiziane revisita as representações coloniais da realidade e, ao reescrevê-las a partir da ótica do colonizado no período pós-colonial, constrói uma narrativa feminina que carrega em si as marcas da opressão (ASHCROFT; GRIFFITHS; TIFFIN, 2002). Assim, dialoga com o conceito de “colonialismo interno” (MAMDANI, 1996) quando evidencia que as estruturas coloniais são reproduzidas dentro das sociedades pós-independência, o que leva à manutenção das desigualdades entre as elites repressoras e os sujeitos subjugados. Nesse sentido, Giovana Rampini (2023) observa que essa é uma assimilação forçada e os colonizados são compelidos a abandonar sua língua e cultura para se submeter ao “Pai” colonial. Rampini igualmente analisa o papel da voz e do silêncio, articulando-os com a tradição oral bantu e considera que Chiziane recupera elementos performáticos que aproximam a escrita da oralidade africana: “a beleza da história depende da tonalidade da voz, dos gestos da contadora” (CHIZIANE, 2008, p. 13). E, por isso, o romance reflete a multiplicidade de vozes que constituem a nação moçambicana e, ainda, ressalta o conflito entre as tradições africanas e os valores ocidentais impostos pelo colonialismo (MATA, 2007).

O romance narra a história de três gerações de mulheres moçambicanas: Serafina (avó), Delfina (mãe) e Maria das Dores e Jacinta (filhas de Delfina). Elas incorporam e personificam as fases colonial e pós-colonial de Moçambique. Serafina vive sob forte opressão do regime colonial e é a guardiã da memória mítica ancestral. Delfina, mestiça, vive a dualidade entre colonizador e colonizado e sofre a violência do sistema social. Em suas palavras:

Tive todos os homens do mundo. Dois maridos, muitos amantes, quatro filhos, um prostíbulo e muito dinheiro. O José, teu pai negro, foi a instituição conjugal com que me afirmei aos olhos da sociedade. O Soares, teu padrasto branco, foi a minha instituição financeira. O Simba, esse belo negro, foi minha instituição sexual, o meu outro eu de grandezas imaginárias, que me deixou para ser teu marido (CHIZIANE, 2008, p. 44).

Maria das Dores tem uma vida marcada por violências, simboliza a era da independência e das guerras: representa as memórias feridas do trauma (CARUTH, 1996). E Jacinta é uma sobrevivente, é a ponte entre a mãe e a irmã, representando, assim, a memória transmitida no período do pós-independência.

Para Campos e Morais (2023, p. 1), “a ficção de Paulina Chiziane é impregnada pela dura realidade das mulheres moçambicanas e pelos reflexos que os anos de colonização produziram naquela sociedade, em específico nos corpos femininos”. Nesse sentido, as experiências das personagens refletem aspectos da história moçambicana. Em termos ricoeurianos, Chiziane (2007) propõe uma hermenêutica da memória ferida pela violência, e sua escrita funciona como uma catarse de tensões entre o esquecimento imposto pela história oficial e a lembrança viva pela oralidade e pela ancestralidade. Além do mais, a perspectiva antropológica destaca como as práticas interculturais moldam essas identidades, evidenciando a intersecção entre indivíduo e coletividade (LOPES, 2010).

Nesse contexto colonial, as cumplicidades entre as mulheres são caracterizadas como “memórias femininas” que, segundo Margarida Ribeiro (2004), são um modo de rememoração pós-colonial que usa ironia feminina implícita nas lembranças nostálgicas do império português. E a construção das memórias entrelaçadas de várias mulheres negras potencializa as interpessoais, colocando no centro sujeitos antes “silenciados” e “subalternizados” pelo eurocentrismo (MIGNOLO, 2003). Assim, as narrativas de Chiziane conjugam mito, imaginação e realidade histórica para dar voz às vítimas do colonialismo.

O não lugar das memórias coloniais dos retornados (Isabela Figueiredo, 2009)

Isabela Figueiredo, nascida em Lourenço Marques, Moçambique em 1963, mudou-se para Portugal em 1975 na condição de retornada e foi viver com a avó porque seus pais ficaram em Moçambique. É licenciada em Línguas e Literaturas Lusófonas pela Universidade Nova de Lisboa (NOVA) e tem uma especialização em Estudos de Gênero pela Universidade Aberta (UAb), Lisboa. Publicou seus primeiros textos em 1983, no *Diário de Notícias*. A autora trabalhou nesse jornal entre 1989 e 1994 e foi professora de Ensino Médio na Margem Sul de Lisboa entre 1985 e 2014. Em maio de 2008, na cidade de Almada, escreveu, inicialmente, o *Caderno de Memórias Coloniais* num *blog* e depois publicou em forma de livro em 2009. Nessa obra, Figueiredo apresenta suas vivências em Moçambique durante o final do período

colonial e, mais tarde, seu processo de adaptação a Portugal. O livro é uma autobiografia testemunhal e explora as questões das memórias coloniais e das tensões da descolonização.

A escrita de Isabela Figueiredo exterioriza as tensões das culturas coloniais e pós-coloniais. Sua narrativa alterna seu duplo papel: ela é agressora em certas situações e agredida em outras. A Menina lembra: “Foi premeditado. Tinha pensado antes, se ela voltar a irritar-me, bato-lhe. Podia perfeita e impunemente bater-lhe. Era mulata. E a rapariga comeu e continuou em pé, sem se mexer, com a mão na cara, sem nada dizer” (FIGUEIREDO, 2009, p. 78).

São aí “memórias problemáticas”, quando o passado não pode ser totalmente narrado sem conflitos (RICOEUR, 2007). Elas destacam o dilema dos “retornados”, aqueles que se sentem estrangeiros ao regressarem a Portugal, o qual se configura como um exemplo do “não-lugar” interno de Marc Augé (1991). É de tal forma que Margarida Calafate Ribeiro (2004) enfatiza que a herança colonial pode criar espaços simbólicos em que o sujeito, apesar de estar em seu próprio lugar, se vê como um “visitante” alienado e desenraizado. E isso foi vivenciado por muitos portugueses que presenciaram a decadência do colonialismo e o regresso traumático no período pós-colonial (1974-1979). Tanto é que Margarida Ribeiro usa o termo “regresso”, ao invés de “retorno”, para evitar o sentido de volta por vontade própria. É uma alienação da experiência do retornado em Portugal: viver o sistema colonial como parte dele e a crítica a ele. Ribeiro (2004) analisa a experiência do “luto colonial”, uma perda tanto da terra quanto da identidade associada ao *status* de colonizador. E a obra de Figueiredo expõe esse luto, mas também o desconstrói, questionando as “memórias manipuladas” (RICOEUR, 2007), que nutriram o colonialismo português. A autora oferece uma visão sensível do colonialismo, em que a culpa e o privilégio coexistem em dor e ambiguidade. A narradora enfrenta a ferida da memória colonial portuguesa em uma ambivalência freudiana (FREUD, 1974) entre dois mundos, duas línguas e duas “memórias problemáticas”. Essa contranarrativa colonial é uma catarse da culpa e da internalização da crueldade do próprio sistema, derivadas da tensão entre colonização e descolonização (TOLENTINO, 2022). Nesse sentido, a violência colonial não resolvida, se transforma em autodestruição e a vergonha e a morte vêm como uma fuga: “Tinha vergonha [...]. O meu primo acordou o meu primeiro desejo, e, uns anos mais tarde, matou-se” (FIGUEIREDO, 2009, p. 91). O suicídio e o pudor são expressões da incongruência da vida pós-colonial que aflora o sofrimento e a violência. E a obra de Figueiredo expõe as injustiças internalizadas do sistema.

E sobre a justiça necessária, Ricoeur (2008) a considera uma busca pelo reconhecimento e pela reparação. E, diante disso, a narrativa memorialística da autora, que ressalta a iniquidade colonial, se transforma em uma forma de validação da crítica. Figueiredo expõe o racismo intrínseco da sociedade colonial, dando reconhecimento ao sofrimento dos colonizados. Ela ressalta também as dificuldades de adaptação dos “retornados”, reconhecendo que o sistema colonial foi danoso para ambos os lados. Assim, descobre, por meio dessas memórias, um entrelugar (SANTIAGO, 1978) de uma identidade portuguesa nascida e misturada em Moçambique marcada por memórias traumáticas.

As personagens centrais da obra são uma menina branca, filha de colonos, e seu pai, um electricista; ambos não têm nome próprio. A narrativa é em primeira pessoa, e a protagonista é um *alter ego* não declarado da autora. O pai é um português radicado em Lourenço Marques, Moçambique. A filha ingênua,

mas curiosa, gradualmente percebe a injustiça das relações coloniais abusivas e desrespeitosas para com os colonizados diferentes na cor, o que reflete as tensões raciais do colonialismo. Por fim, a Menina reconhece que “o tempo dos brancos tinha acabado” (FIGUEIREDO, 2009, p. 112) e precisa encarar um Portugal pós-colonial desenraizado de si e sob o estigma do termo “retornado”.

Conforme Eduardo Lourenço (2014), o colonialismo é um inconsciente impensado da cultura portuguesa, revisitado por Figueiredo em “O Mundo Perfeito”, o *blog* que deu origem ao Caderno, e que revela ironicamente o espaço virtual como “perfeito” para a confissão da herança “imperfeita” da violência. Isabela Figueiredo, dentro desse contexto, observa que “As recordações que jazem dentro de nós não são gravadas em pedra; têm não só a tendência para se apagarem com os anos, como também é frequente modificarem-se, ou inclusivamente aumentarem, incorporando delineamentos estranhos” (FIGUEIREDO, 2009, p. 28).

Essas memórias coloniais têm a forma de um caderno de anotações autobiográficas, composto por 51 breves “posts” ou crônicas independentes. Foi elaborado inicialmente em fragmentos semelhantes a diários, cujos textos são curtos e autocontidos, mas organizados de forma cronológica para mostrarem o crescimento da narradora em Moçambique. A sua identidade intercultural se desvenda aos poucos, durante a leitura e enquanto o leitor reordena o cenário histórico concomitantemente à narradora. A voz narrativa alterna entre o pessoal e o coletivo e, em alguns momentos, a autora reproduz a voz do colonizador. Por fim, o caderno pode ser lido como um conjunto de crônicas em torno de uma mesma temática: a infância da autora marcada pelo colonialismo português em Moçambique. Nas narrativas, o corpo da mulher africana sofre tanto por parte de outras mulheres, brancas, como por parte dos homens. São investidas concretas e materiais e, ao mesmo tempo, simbólicas e subjetivas que se reforçam mutuamente. Além disso, o corpo racializado e sexualizado é uma questão presente no texto: “Uma branca não admitia que gostasse de foder, mesmo que gostasse. [...] As negras fodiam, essas sim, com todos e mais alguns, com os negros e os maridos das brancas, por gorjeta, certamente, por comida ou por medo” (FIGUEIREDO, 2009, p. 40).

Na narrativa de Isabela Figueiredo, a repressão sexual fica evidenciada, e o corpo da mulher negra representa o suporte para aquilo que a branca nega em si. Assim, para as mulheres brancas não fazia diferença gostar ou não, o importante era não manifestar o desejo. E isso, para a escritora, diferenciava as brancas das negras.

A centralidade da figura paterna é também importante para a dinâmica do livro. Ele aparece como uma espécie de protagonista interlocutor subentendido, cuja dedicatória é à sua memória. As ações e características do pai são consideradas como metonímias das atuações dos colonos brancos. Ao se falar do pai, fala-se também da ordem colonial. Como eletricista, ele tinha seus empregados negros. E no dia do pagamento, havia um protocolo definido pelo patrão a ser seguido pelos subordinados. “Ainda não tinham percebido as regras do sábado ao cair da tarde, que eram só duas: receber e calar” (FIGUEIREDO, 2009, p. 66). E o único jeito de não haver desavenças era aceitar a quantidade de dinheiro oferecida pelo chefe, sem reclamar, o que sugere uma ordem em que o corpo negro, mesmo masculino, é acessível ao homem branco, dando a ver que é justamente nos corpos que se concretiza a dominação. Essa violência era reproduzida às vezes na casa do colonizador, pois a menina conta que apanhou do pai, o que gerou

uma ambiguidade de afeto e tristeza na relação entre ela e seu progenitor. “Apossei-me da ferramenta com que escavaria a minha liberdade. Foi quando, devagar, comecei a tornar-me a pior inimiga do meu pai. A inimiga lá dentro, calada” (FIGUEIREDO, 2009, p. 83).

Aqui, Figueiredo faz uma espécie de metonímia do processo de libertação porque a cada opressão do colonizador, o colonizado se cala e se torna inimigo para se libertar no futuro. E as memórias dessa violência se entrelaçam, respectivamente, entre a cultura pessoal e a coletiva, a culpa e o regime, e, por fim, a dor e o patriarcado. Todos esses ligados entre si na tomada de consciência da Menina que percebe o modo como age seu pai que reproduz o sistema colonial patriarcal e dominador. E ela o ama e o critica ao mesmo tempo.

Situações emblemáticas, colonialismo e contranarrativas

O conceito de “situação emblemática” (CANDIDO, 2000) serve como ferramenta para interpretar como Chiziane e Figueiredo transformam experiências individuais em metáforas coletivas. No romance *O Alegre Canto da Perdiz*, a trajetória das quatro mulheres constitui uma situação emblemática da nação moçambicana, em que a mestiçagem, a violência e a busca de reconciliação estão presentes na memória. Já em *Caderno de Memórias Coloniais*, o exemplo está no microsistema do drama doméstico existente entre a narradora e o pai que se articula simbolicamente com o colapso moral do macrossistema da dominação colonial.

As raízes dessa colonialidade eurocêntrica do mundo moderno, cujas consequências são relatadas nas obras, nascem, segundo Enrique Dussel (1993), da violência desencadeada a partir de 1492, com a expulsão dos mouros da Península Ibérica e a chegada dos europeus às Américas. Nesse momento, segundo o autor, o processo ontológico colonizador transforma o Outro em objeto desprezível e funda uma ideia de civilização sobre o encobrimento, o genocídio e o epistemicídio desses outros (mouros, sefarditas, indígenas e africanos). Em *O Alegre Canto da Perdiz*, Chiziane reverte esse movimento ao dar voz às mulheres africanas e suas ancestralidades silenciadas pela modernidade europeia colonial. Já em *Caderno de Memórias Coloniais*, Figueiredo desvela o contraditório racismo do processo civilizatório moderno. Frantz Fanon (1968), por sua vez, apresenta como a violência do regime colonial fragmenta a subjetividade humana, encarcerada sob o olhar do outro. Em Chiziane, as mulheres experimentam “a máscara branca” ao internalizarem a lógica dominante, buscando embranquecer-se para sobreviver. E, na escrita de Figueiredo, tal herança está sendo desmascarada pela narradora. As duas contranarrativas percorrem o caminho intelectual de Fanon em direção ao reconhecimento e à libertação das memórias traumáticas, à descolonização do olhar, à alteração do modo de pensar e à reconstrução do ser humano (em suas identidades) a partir dessa nova perspectiva. Em Chiziane: “– Tudo é diferente, não vê? O céu é diferente. As estrelas diferentes. O paraíso diferente. Os mulatos nasceram com a lua no ventre. O mundo é deles. Por isso todos querem ser como eles. Os pretos branqueando-se e os brancos bronzeando-se” (CHIZIANE, 2008, p. 174).

Rita Chaves (2020) discute o espaço da literatura pós-colonial no registro histórico que a reescreve a partir do olhar dos sujeitos silenciados, sobretudo, as mulheres e os mestiços. E as duas obras emergem nesse contexto como espaços de negociação entre as culturas e as consequências do colonialismo, que

Chiziane e Figueiredo vivem de formas diferentes, mas congruentes, num levante crítico ao patriarcalismo que subjuga mulheres brancas e negras. Acerca disso, Chiziane (2008, p. 271-272) escreve:

No mundo onde a mulher manda, os filhos são do José, Abdul, Ndialo, Charles, Lu Xing, Stephany. A família tem peso de vento, é leve e esvoaça como uma nuvem tecida de sangue de diferentes cores, formas e texturas. A alegria e a liberdade são filhas do matriarcado, onde se obedece às leis da natureza porque só a mulher conhece o verdadeiro pai dos filhos que tem. Os homens são simples reprodutores, seres menores. Por isso eles devem pagar por tudo. Pelo lazer, pelo prazer que é concebido pelas mulheres. Pagar pela maternidade e pela dignidade que as mulheres lhes dão, pois sem elas não construiriam família.

No mundo onde o homem manda os filhos são de um só. A família tem peso de chumbo, tecido por laços do mesmo sangue. Mas é um reino de lágrimas e de sofrimento. Com violência, os homens mantêm as mulheres fiéis à paulada. A violência é produto do patriarcado, porque os homens roubaram o poder às mulheres.

A autora reconta a história a partir do feminino, oral e rítmico e revê as memórias traumáticas da colonização por meio da resistência da sua ancestralidade, o que proporciona ferramentas subjetivas para subverter o discurso patriarcal e colonial. Nessa mesma perspectiva, Isabela Figueiredo evidencia a interseção entre o racismo e o controle do corpo feminino: “O meu pai revoltava-se quando encontrava uma branca com um negro, já depois do 25 de Abril, em Portugal. Fitava os pares como se visse o Diabo” (FIGUEIREDO, 2009, p. 37). O pai, mesmo depois da independência, incomodava-se com a autonomia feminina de escolha dos próprios parceiros afetivos, especialmente, quando essa altivez transgredia as heranças coloniais.

Nesse sentido, Figueiredo apresenta a memória feminina ao expressar as dores em uma “escrita de fronteira”, da “periferia”, que enlaça a cultura colonial europeia e a africana, recriando uma memória intercultural entrelaçada entre Moçambique e Portugal. Já Chiziane realiza uma memória feminina diferente por subverter o regime colonial patriarcal pela ancestralidade incorporada à escrita que hibridiza a língua do colonizador (MATA, 2007; LEITE, 2020). E, nas duas contranarrativas, as subalternizadas dos séculos anteriores podem ser lembradas, no presente, nessas memórias interculturais entrelaçadas.

A respeito de tal discussão, Reali (2020) propõe que esse mesmo olhar feminino sobre a colonização seja uma “memória coletiva alternativa” ao discurso patriarcal, militar e oficial sobre a guerra colonial. No entanto, Isabela Figueiredo (2009, p. 86) adverte: “Sabíamos tanto sobre o que faziam as tropas como sobre a política do país. Sabíamos nada”. E, por outro lado, Paul Ricoeur (2007) recomenda a superação das experiências negativas do passado com o perdão difícil, o qual deve se dar com o conhecimento da verdade e o reconhecimento do dano, para que essas memórias feridas sejam curadas por meio de políticas reparatórias que se estabelecem na memória, e não no esquecimento. Perdoar é lembrar, saber, reconhecer e reparar. Em *O Alegre Canto da Perdiz*, Maria das Dores nos fala que:

O assassino encarna o espírito da sua vítima. O preto que matou o branco partirá de joelhos para a terra do branco. Para pagar a dívida de sangue na árvore dos antepassados do morto. Os brancos que mataram voltarão. Para se ajoelharem e pedir o perdão dos nossos antepassados.

E serão recebidos nas nossas palhotas como irmãos. O sangue derramado irmana, faz um nó, e nem a morte pode separar.

– Tens a certeza, Maria?

– Absoluta! Foi sempre assim desde o princípio do mundo (CHIZIANE, 2008, p. 40-41).

E em *Caderno de Memórias Coloniais*, a narradora afirma: “Precisamos de tempo para compreender. Para matar. Para poder olhá-los de novo na cara com o mesmo amor. Para perdoar” (FIGUEIREDO, 2009, p. 98). Ambas as autoras lidam com a ideia e a necessidade do perdão difícil, que demanda tempo e generosidade, sem que se dispense a verdade e a reparação diante da dor e do indizível.

Nesse contexto, o conceito de heranças históricas de Helena Carvalhão Buescu (2025) pode auxiliar a compreensão dessas memórias coloniais. A autora portuguesa discute que tais legados nunca são plenos ou homogêneos, ao contrário, são imperfeitos, transformadores e assombrados por tradições arrítmicas e leituras divergentes do passado. Elas envolvem camadas de interpretação que as tornam instáveis e fazem o perdão difícil. Essas instabilidades e dificuldades são manejadas pela criatividade dos envolvidos e abrem os caminhos para a história e a literatura. Assim, dessas heranças imperfeitas ramificam as memórias interculturais entrelaçadas por meio das interpretações artísticas e, desse modo, nascem novas vozes e novos percursos de reconhecimento vivenciados.

Nesse processo, Moçambique se reconstrói e se reconhece dentro dessas memórias interculturais entrelaçadas, que são também fragmentadas, a partir da experiência histórica partilhada com Portugal (RODRIGUES, 2013). Essa partilha envolve o regresso (RIBEIRO, 2004), sendo que, para Maricel Gonçalves (2015), em Chiziane, o processo passa por uma reconciliação com a ancestralidade, e em Figueiredo, por uma confissão entre a nostalgia de um passado inexistente e uma reconstrução de um novo olhar crítico. Assim, as memórias interculturais entrelaçadas são entrelugares entre Moçambique e Portugal, expressos nessas duas formas literárias memorialísticas que revisitam as feridas coloniais.

Memórias interculturais entrelaçadas

Em *O Alegre Canto da Perdiz* e em *Caderno de Memórias Coloniais*, as memórias das narradoras/personagens nascem de situações interculturais entrelaçadas e emblemáticas. Chiziane apresenta essa memória na relação da oralidade com a natureza e nas relações entre homens e mulheres, entre colonos e colonizados, entre brancos e negros, o que traz para a história sujeitos de memórias ambivalentes e contrapostas. Figueiredo conta a experiência da colona portuguesa em Moçambique, mais tarde “retornada” a Portugal, que vive fraturada entre duas realidades. Nesse sentido, as memórias interculturais entrelaçadas nascem desses contatos e tensões entre universos culturais Europa/África, branco/negro, cristão/tradicional etc.

A interculturalidade se dá em parte nos nós dramáticos de situações emblemáticas, como no racismo, no colonialismo e no patriarcalismo e nas consequentes vivências dessas experiências doloridas. Na perspectiva de Fanon e Dussel, essas memórias interculturais entrelaçadas são reveladas também na busca de cura e diálogo entre a África e a Europa e que, ao visitar as dores, há a possibilidade ética do encontro.

Tais memórias igualmente são entrelaçadas porque envolvem mais de uma cultura, nesse caso, a portuguesa e a moçambicana. E entrelaçadas a partir de quatro operações: a contradição de sentimentos, como amor/ódio, saudade/culpa; a ambivalência entre o *locus* social da branquitude e o saber ancestral; a mestiçagem ou hibridação histórica, linguística e cultural; e, por fim, a questão geracional familiar hierárquica ou não. E essas memórias podem ser observadas a partir de três instâncias.

Na primeira instância, elas acontecem, muitas vezes, numa fase de tensão. Figueiredo observa o racismo do pai e a erotização e a objetificação dos corpos negros. A memória da narradora expressa a culpa e a tensão da situação colonial. “Todos os lados possuem uma verdade indesmentível. Nada a fazer. Presos na certeza absoluta, nenhum admitirá a mentira que edificou para caminhar sem culpa, para conseguir dormir, acordar, comer, trabalhar” (FIGUEIREDO, 2009, p. 136).

Na segunda, esse entrelaçamento ocorre na fase dos universos paralelos e desiguais como os brancos num “mundo” e negros noutra, mesmo que fisicamente próximos, como nas esferas bem marcadas entre homens e mulheres, entre a cidade e o campo etc.

E, na terceira, está a escrita das duas autoras que se manifesta nos entrelugares. Apresenta-se quando há a hibridação, no momento em que a mistura entre os opostos forma o novo, que é intercultural e entrelaçado. Nos textos, a filha mestiça que vive os dois espaços de Chiziane, e a menina branca que brinca com as crianças negras, em Figueiredo.

As memórias interculturais entrelaçadas operam, então, a partir do contato tenso e contraditório, marcado pelas vivências da dor e da coexistência sem misturar-se. Na sequência, pelo reconhecimento do outro, mas sem integração. E, por fim, pela composição híbrida na experiência compartilhada.

Considerações finais

O estudo comparado das obras *O Alegre Canto da Perdiz* e *Caderno de Memórias Coloniais* possibilita compreender a complexidade das memórias interculturais entrelaçadas no multiverso, ou seja, nos múltiplos universos de memórias entrecruzadas no contexto pós-colonial luso-africano. Essas memórias heterogêneas emergem de identidades fraturadas e em geografias atravessadas pela violência histórica e por afetos contraditórios. Elas se configuram como um campo híbrido e se constroem no cruzamento entre história, ficção, testemunho, mito, oralidade, raça, gênero e poder. São memórias feridas disputadas e transnacionais que só podem ser compreendidas a partir de uma hermenêutica histórica, multidisciplinar e intercultural.

De acordo com Benjamin Abdala Júnior (2015), as fronteiras múltiplas e as identidades plurais compõem o mundo pós-colonial e são marcadas pelos deslocamentos, pelas diásporas transnacionais. Esses sistemas interculturais não são fixos, mas organizados em redes de circulação e troca. Como já foi observado no prefácio de Chiziane da obra de Figueiredo, há solidariedade literária que se fundamenta nas redes do comunitarismo cultural supranacional do bloco linguístico-cultural da língua portuguesa. Esse conjunto convive e coopera entre si criticamente e de maneira consciente acerca das assimetrias históricas que foram produzidas pelo colonialismo. Esse comunitarismo entre países de língua portuguesa vem das experiências históricas comuns, marcadas pelo processo colonizador, pela migração, pelas

guerras e pelos regressos. Isso estruturou os vínculos entre Portugal e Moçambique e outros países de língua portuguesa. Ler Chiziane e Figueiredo comparativamente significa, então, compreender que seus textos fazem parte do complexo cultural luso-afro-atlântico e que cujos diálogos literários expõem solidariedades e tensões. As autoras delineiam contranarrativas que recriam novas histórias críticas aos discursos coloniais. Seus textos apresentam a realidade da violência física, simbólica, psicológica. E a literatura vem como uma força estruturante que reordena essas memórias problemáticas.

A perspectiva feminina dá o caminho central dessa escrita literária. Chiziane lida com as falas das subalternizadas. Seu texto é marcado pela oralidade moçambicana, por simbolismos tradicionais, pela sabedoria ancestral e pela cosmogonia africana, que hibridiza a língua portuguesa com registros afro-maternos. Já Figueiredo narra memórias da saudade e da dor do regresso e revela a responsabilidade ética que Ricoeur associa à memória ferida, ao perdão difícil e ao reconhecimento. Chiziane e Figueiredo demonstram que uma nova relação a ser construída entre colonizado e colonizador só é possível perante o reconhecimento da dor mútua. E o perdão não pode ser tomado como o esquecimento ou a absolvição, mas como um ato/sentimento que impede a continuidade da violência colonial.

Para concluir, a análise comparativa das duas obras ressalta que a memória colonial portuguesa se constitui de forma tensa, ambígua e, ao mesmo tempo, cheia de afetos e lutas por narrativas. As autoras contribuem para exemplificar “o impensado colonial” de Eduardo Lourenço. Elas propõem pela literatura o que o imperialismo tentou apagar e devolvem a humanidade às vítimas, atribuindo responsabilidade aos herdeiros da violência sem, contudo, ignorar o sofrimento deles. Nesse sentido, as obras de Paulina Chiziane e Isabela Figueiredo são importantes para se compreender como as identidades contemporâneas africanas e portuguesas ainda se moldam pelas heranças coloniais e, diante disso, a literatura vem como um espaço possível de reparação simbólica, resistência intercultural e imaginação solidária.

Referências

ABDALA Jr., Benjamin. Múltiplas fronteiras e comunitarismos supranacionais. *Revista Alere*, Tangará da Serra, v. 12, n. 2, p. 67-92, dez. 2015.

ASHCROFT, Bill; GRIFFITHS, Gareth; TIFFIN, Helen. *The empire writes back: theory and practice in post-colonial literatures*. Boca Raton: Routledge, 2002.

AUGÉ, Marc. *Non-Places: introduction to an anthropology of supermodernity*. London: Verso, 1991.

BONNEMAISON, Joël. *La géographie culturelle*. Paris: Éditions du C.T.H.S., 2000.

BUESCU, Helena Carvalhão. *Heranças imperfeitas: vozes e leituras*. Lisboa: Tinta da China, 2025.

CAMPOS, Daniela de; MORAIS, Caroline de. Racismo, colonialismo e colonialidade na sociedade moçambicana: o caso das personagens femininas em *O alegre canto da perdiz*, de Paulina Chiziane. *Caderno Seminal*, Rio de Janeiro, n. 45, p. 1-13, 2023.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria literária*. 9. ed. São Paulo: T. A. Queiroz, 2000.

- CARR, Bernard. *Universe or multiverse*. Cambridge: Cambridge University Press, 2007.
- CARUTH, Cathy. *Unclaimed experience: trauma, narrative, and history*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1996.
- CHAVES, Rita. História, memória e ficção em textos e contextos africanos: notas sobre Moçambique. *Exilium*, São Paulo, v. 1, n. 1, p. 151-177, 2020. Doi: <https://doi.org/10.34024/exilium.2020.v.11282>
- CHIZIANE, Paulina. *O Alegre Canto da Perdiz*. Lisboa: Caminho, 2008.
- CHIZIANE, Paulina. Entrevista “Paulina Chiziane, escritora moçambicana”. Beijing: Rádio Internacional da China, 19 mar. 2013. Disponível em: <https://portuguese.cri.cn/2021/2013/03/19/1s164056.htm>. Acesso em: 1 nov. 2025.
- CHIZIANE, Paulina. [Entrevista sobre o mar e o povo Mazione]. Entrevista concedida à Livraria Nombeko. Facebook, 2024. Vídeo (reel). Disponível em: <https://www.facebook.com/reel/1015617225985958>. Acesso em: 5 fev. 2025.
- CHIZIANE, Paulina. Prefácio. In: FIGUEIREDO, Isabela. *Caderno de memórias coloniais*. 7. ed. Alfragide: Caminho, 2017.
- DUSSEL, Enrique. *1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1993.
- ELGEBALY, Maged Talaat Mohamed Ahmed. História e memória intercultural no romance *Travessia* de Letícia Wierzchowski. *Revista da Anpoll*, Porto Alegre, v. 56, e2005, 2025. Doi: <https://doi.org/10.18309/ranpoll.v56.2005>
- FANON, Frantz. *Os condenados da terra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1968.
- FIGUEIREDO, Isabela. *Caderno de memórias coloniais*. Coimbra: Angelus Novus, 2009.
- FREUD, Sigmund. *Introdução ao narcisismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1974. (Obras completas, v. 14).
- GONÇALVES, Maricel Derrico. *Isabela Figueiredo e Dulce Maria Cardoso: duas formas de ler o retorno*. 2015. Dissertação (Mestrado em Literatura Portuguesa e Literaturas Africanas de Língua Portuguesa) - Instituto de Letras, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.
- LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades & escritas pós-coloniais: estudos sobre literaturas africanas*. 2. ed. Rio de Janeiro: EduERJ, 2020.
- LOURENÇO, Eduardo. *Do colonialismo como nosso impensado*. Lisboa: Gradiva, 2014.
- LOPES, J. R. *Identidade e literatura em Paulina Chiziane*. Lisboa: Edições Colibri, 2010.
- MAMDANI, Mahmood. *Citizen and Subject: contemporary Africa and the legacy of late colonialism*. London: Princeton University Press, 1996.

MATA, Inocência. *Literaturas africanas: percursos da memória, estilhaços do quotidiano*. Lisboa: Colibri, 2007.

MIGNOLO, Walter. *Histórias locais / projetos globais: colonialidade, saberes subalternos e pensamento liminar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2003.

RAMPINI, Giovana de Castro Marchese. *O Alegre Canto da Perdiz e identidade nacional moçambicana: um olhar glotopolítico*. *Domínios de Linguagem*, Uberlândia, v. 17, e1765, 2023. Doi: 10.14393/DLv17a2023-65.

REALI, Niccolò. *Colonialidade portuguesa e guerra: as mulheres na perspectiva de uma memória coletiva*. 2020. Dissertação (Mestrado em Língua e Literatura Europeia, Americana e pós-colonial) - Università Ca Foscari Venezia, Venezia, 2020.

RIBEIRO, Margarida Calafate. *Uma história de regressos: império, guerra colonial e pós-colonialismo*. Porto: Edições Afrontamento, 2004.

RICOEUR, Paul. *Percurso do reconhecimento*. Tradução de Nicolás Nyimi Campanário. São Paulo: Loyola, 2006.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Tradução de Alain François et al. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

RICOEUR, Paul. *O justo*. Tradução de Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

RODRIGUES, Flavia Arruda. *Caderno de memórias coloniais: novas narrativas sobre histórias pessoais e coletivas dos colonizadores portugueses na África do século XX*. *Revista Landa*, Florianópolis, v. 2, n. 1, p. 83-104, 2013.

SAID, Edward W. Cultura e imperialismo. In: SAID, Edward W. *Territórios sobrepostos, histórias entrelaçadas*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. São Paulo: Perspectiva, 1978. p. 9-27.

SILVA, R. C. *A escrita de Paulina Chiziane: temas e estilos*. São Paulo: Editora Unesp, 2017.

TOLENTINO, Eliana da Conceição. Colonização/descolonização. In: ASSUNÇÃO, Antônio Luiz; MORAIS, Argus Romero Abreu de; TOLENTINO, Eliana da Conceição; OLIVEIRA, Luiz Manoel da Silva (Org.). *Discursos e narrativas: entre conflitos e deslocamentos*. São Carlos: Pedro & João, 2022. p. 37-50.

VEIGA, António J. M. da Motta. *A economia colonial e a população indígena*. 1935. Dissertação (Curso de Administração Colonial) - Faculdade de Direito, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1935.

Recebido em 15 de novembro de 2025.

Aprovado em 18 de dezembro de 2025.

Resumo/Abstract

Memórias interculturais entrelaçadas em *O Alegre Canto da Perdiz* de Paulina Chiziane e *Caderno de Memórias Coloniais* de Isabela Figueiredo

Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly

O colonialismo português em África deixou marcas profundas tanto nas sociedades colonizadas quanto nas vidas dos colonizadores. As vozes femininas, a partir de uma perspectiva de *entrelugar do retorno e a subalternidade de gênero*, desestabilizam as narrativas lineares do colonialismo e apontam para outras formas memorialísticas de constituição subjetiva. Ao recuperar criticamente as contribuições de Benjamin Abdala Junior, Inocência Mata, Margarida Calafate Ribeiro, Silviano Santiago, Edward Said e Helena Buesco, propõe-se analisar as memórias interculturais entrelaçadas em *O Alegre Canto da Perdiz* (2008), de Paulina Chiziane, e *Caderno de Memórias Coloniais* (2009), de Isabela Figueiredo.

Palavras-chave: colonialismo, Paulina Chiziane, Isabela Figueiredo, memórias interculturais entrelaçadas.

Intertwined intercultural memories in Paulina Chiziane's *The Joyful Song of the Partridge* and Isabela Figueiredo's *Notebook of Colonial Memories*

Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly

Portuguese colonialism in Africa left deep marks on both colonized societies and the lives of the colonizers. From a perspective of the *in-between space of return* and *gender subalternity*, female voices destabilize linear narratives of colonialism and point to other memorialistic forms of subjective constitution. By critically recovering the contributions of Benjamin Abdala Junior, Inocência Mata, Margarida Calafate Ribeiro, Silviano Santiago, Edward Said, and Helena Buesco, this study proposes to analyze the intertwined intercultural memories in Paulina Chiziane's *The Joyful Song of the Partridge* (2008) and Isabela Figueiredo's *Notebook of Colonial Memories* (2009).

Keywords: colonialism, Paulina Chiziane, Isabela Figueiredo, intertwined intercultural memories.